

SESSÕES DO PLENÁRIO

86ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 21 de dezembro de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADA FÁTIMA NUNES (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial, com a finalidade de fazer a entrega da Comenda Dois de Julho ao Teólogo Naidison de Quintella Baptista, projeto de autoria da deputada Fátima Nunes e com muita alegria já saúdo e agradeço a todos e a todas presentes neste momento.

Convido as autoridades para compor a Mesa: o Sr. Secretário de Desenvolvimento Rural, Jerônimo Rodrigues, representando o governo do estado da Bahia; a Sr.^a Deputada Neusa Cadore, representando a nossa Bancada feminina; o Sr. Chefe de Gabinete da Secretaria de Justiça de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Dr. César Lisboa; o Sr. Luís Ângelo Carneiro Baptista, filho do homenageado; o Sr. Deputado Federal, Afonso Florence, nosso ex-ministro; o Sr. Conselheiro de Segurança Alimentar e Nutricional da Bahia, Carlos Eduardo, representando o Sr. Presidente do Consea – Caê, nosso querido Caê –; a Sr.^a Presidenta do Fórum Baiano de Agricultura Familiar, nossa deputada federal Elisângela Araújo – com o título, faltando o mandato, mas ele vai chegar –; o Sr. Presidente da Articulação do Semiárido Brasileiro, Cícero Félix; o Sr. Presidente do MOC, José Jerônimo de Moraes, xará e companheiro de fundação dessa luta, cuja vitória hoje celebramos.

Convido agora para buscar o nosso homenageado o Dr. Wilson, da CAR; o vice-prefeito de Cícero Dantas, Jean Nunes, representando a juventude de luta e de política; Afonso Florence e o nosso querido Albertino, que em breve virá ser homenageado aqui na Casa, hoje é o dia de um, depois será o dia do outro. Vão buscar na Sala Verde o nosso querido homenageado.

E a nossa diretora da UEFS, para acompanhar também o nosso homenageado, Prof.^a Marjorie, da UESF, não deu tempo para decorar os nomes, porque a emoção hoje está passando da conta de tudo. (Palmas)

Preparem os corações, as palmas, que o nosso homenageado vai chegando aqui. (Palmas, muitas palmas.)

(O homenageado adentra o Plenário.)

(Apresentação musical) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Depois dessa apresentação musical, que nos conforta o coração, peço ainda para ficarmos todos de pé um pouco para ouvirmos o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Neste momento, convido a deputada Neusa Cadore para assumir a presidência dos trabalhos desta sessão especial, enquanto faço o uso da palavra para a homenagem.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Boa tarde a todos e a todas, com a palavra, a proponente desta sessão histórica, deputada Fátima Nunes.

A Sr.^a FÁTIMA NUNES:- Isto aqui tá bom demais. Como diz o povo de Serrinha: isto aqui tá bom demais.

A emoção deixa a gente um pouco sem voz, mas eu queria mais uma vez dizer boa tarde a todos e a todas, dizer da nossa alegria e agradecer a todos e a todas que ajudaram a mobilizar, a organizar para que tivesse tanta gente neste Plenário hoje, das diversas representações das instituições que compõem a ASA e dos outros diversos movimentos sociais da nossa Bahia. Queria agradecer imensamente a oportunidade e a presença de todos e de todas.

Queria mais uma vez saudar o nosso secretário de desenvolvimento rural, Jerônimo Rodrigues, que aqui veio representando o governo do estado da Bahia, dizer da nossa alegria, porque sempre que falamos em Jerônimo, falamos em um de nós, da luta e que agora tem um posto de comando e que comanda bem para nós, como faz o nosso governador Rui Costa, que lembra que o sertão existe e que precisamos de semiárido vivo e feliz, por isso estamos todos aqui hoje nesta alegria e todas as mulheres aqui da batalha.

Saudar a deputada Neusa Cadore que preside neste momento a sessão, essa companheira que é do sul, mas veio viver conosco no Sertão, é uma branquinha que já está virando bem escura queimada do sol. Muito obrigada, deputada Neusa Cadore, por estar sempre nessa batalha conosco, sei que Pintada agradece muito, mas todo o sertão baiano agradece ainda mais. Muito obrigada.

Saudar o chefe de gabinete da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos, Dr. César Lisboa, esse grande diretor; o Sr. Luiz Ângelo Carneiro Baptista, filho do homenageado, com certeza é um orgulho muito grande para o senhor; o deputado federal Afonso Florence, nosso ex-ministro da Agricultura Familiar; o conselheiro da segurança alimentar nutricional da Bahia, Carlos Eduardo e quanta luta Caê, nessa lei de segurança alimentar; a companheira Elisângela, que eu sempre digo que é a deputada federal ainda apenas com o título, mas que chega ao mandato em breve; o presidente da articulação do Semiárido, Cícero, que nesses anos já ficou de cabelos brancos; o Sr. Presidente do MOC, José Jerônimo, nessa luta histórica com o nosso homenageado e com o nosso Albertino, eu também não posso esquecer das longas caminhadas de luta, e o nosso querido homenageado, o Sr. Naidison Quintella

Baptista, teólogo, estudioso. A alegria de todos nós nesta tarde bonita, seja maravilhosamente aplaudido por todos nós. (Palmas, muitas palmas.)

Que grandeza!

Meus amigos e minhas amigas, antes, com muita satisfação e alegria, participarmos deste momento para conceder a homenagem Medalha Dois de Julho a esse homem, que muito fez pelo nosso Semiárido é muito gratificante.

Antes de dizer todas as palavras em homenagem ao nosso Naidison Quintella, eu queria dizer algumas coisas que fazem parte da nossa vivência e da nossa convivência. “A vida aqui só é ruim, quando não chove no chão, mas se chover dá de tudo e fartura tem de montão”, é isso que aprendemos com os cantores da época, mas aprendemos muito mais forte quando Naidison Quintella nos ajudava a refletir sobre esse valor.

Por muitas vezes apregamos – vou dizer na linguagem bem popular – por aí faixas que diziam o seguinte: “No Nordeste não falta água, falta vontade política. No Nordeste não falta água, falta vergonha na cara dos políticos.” Quantas faixas apregamos assim? E Naidison Quintela, todos que estão presentes aqui, na Mesa e no Plenário, passamos a ser construtores e construtoras dessa vontade política. É por isso a nossa alegria e a nossa festa hoje. (Palmas)

Queria dizer também que esse Semiárido, antes visto como terra de chão rachado, retirantes do pau de arara, famintos vendendo um dia de serviço por um quilo de carne, ou doando os filhos para alguém criar, viúvas de maridos vivos, analfabetos e desdentados, essa realidade foi transformada graças ao empenho de todos e de todas que compõem esta homenagem a Naidison Quintela nesta tarde. (Palmas)

Eita que é coisa! Não sei se vai dar tempo dizer tudo, porque eu quero dividir o meu discurso e a minha fala com, pelo menos, umas três pessoas que estão na Mesa.

(Lê) “Esse nosso militante das causas sociais nasceu em 9 de maio de 1940, em Salvador, é filho de Ângelo Ferreira Baptista e Antônia de Quintella Baptista, reside na cidade de Feira de Santana, e atua em todo o estado baiano. Ativista do Movimento de Organização Comunitária, é graduado em Teologia e Filosofia, mestre em Teologia Litúrgica, professor aposentado de Metodologia do Trabalho Científico pela Universidade Estadual de Feira de Santana, técnico em Desenvolvimento Social no MOC, onde foi secretário executivo e responsável pelo processo participativo de planejamento e gerenciamento dessa instituição...”

Instituição que neste ano completou 50 anos e que fez uma bela caravana para nos ajudar a refletir sobre o valor da organização, da participação e entoar aquele grito de que povo unido jamais será vencido. (Palmas) Não seremos vencidos pela fome, não seremos vencidos pela sede e nem seremos vencidos pelo golpe, porque estamos firmes nas ruas para conquistar de volta a democracia. (Palmas.)

“(…) Membro do Conselho Estadual de Segurança Alimentar da Bahia, é coordenador da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) pelo estado da Bahia e coordenador nacional da ASA.

Presidente da Associação Programa Um Milhão de Cisternas, que foi criada em 2002 para apoiar legalmente as ações da ASA, Naidison coordenou a primeira unidade gestora, recebendo o ‘Oscar das Políticas Públicas’, o Prêmio Internacional de Política para o Futuro, que incluiu o Programa Nacional de Apoio à Colheita de Água de Chuva e Outras Tecnologias Sociais...”

E, hoje, estamos aqui para festejar todas essas conquistas. E, olha que contradição, enquanto nós, povo simples e povo humilde, povo de luta e povo de esperança, esperançosos, a cada dia estamos olhando lá para o Congresso Nacional, para aquele temeroso que assumiu com o golpe a cortar 100% dos recursos desse valioso programa. Uma injustiça social que não podemos calar, mesmo fazendo a festa do Naidison Quintella somos obrigados a gritar “Fora Temer” e os golpistas que lá estão. (Palmas)

(As pessoas se manifestam gritando Fora Temer.)

“(…) A homenagem foi concedida no mês de setembro, na China, pelos resultados do Programa Cisternas, financiado desde 2003 pelo governo federal, iniciado na gestão do presidente Lula e intensificado no governo da presidenta Dilma. Considerado uma das melhores políticas do mundo para combater a degradação do solo, tinha como meta construir um milhão de cisternas e ultrapassou, conseguindo implantar um milhão e 200 mil cisternas no Semiárido, que beneficiaram principalmente mulheres e crianças...” que tiraram a lata d’água da cabeça, que economizaram tempo para cuidar da sua família e da luta social. (Palmas)

“(…) O Programa brasileiro é participativo, de baixo para cima, para fornecer água para consumo, para o cultivo de alimentos e manutenção dos animais capacita milhões de pessoas pobres da região a controlar suas próprias necessidades e se tornar sujeito de sua história e do seu destino, gerar renda e aumentar a segurança alimentar.”

Portanto, caro companheiro, amigo, Naidison Quintella, eu sei que o senhor, ao olhar para este Plenário, está olhando para todo o Nordeste. Eu sei que o senhor está vendo a cara dos mais vividos, como eu e muitos, mas está vendo também a cara da juventude, aqueles e aquelas que vão sustentar essa política de cidadania, de democracia, de dignidade, de felicidade para o povo do nosso Nordeste. (Palmas)

É por isso que essa medalha vai ser, agora, entregue ao senhor. Antes, porém, vou deixar três companheiros nossos fazer uso da palavra, para que a gente possa guardar no coração o dia de hoje, a lembrança e a força, para continuar lutando para que o nosso Nordeste, o nosso semiárido baiano, o nosso governador Rui Costa, que hoje está trabalhando lá em Brumado, no coração, também, do sertão baiano, que todas essas energias, com os seus secretariados, com os seus diretores de órgãos possam sempre concentrar força positiva para nos dar políticas públicas de

convivência e de ação de dignidade para que o semiárido seja vivo, com homens e mulheres felizes.

Muito obrigada e vamos, agora, passar à entrega da nossa medalha.

(Palmas, muitas palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Neste momento, nós vamos entregar a Medalha Dois de Julho ao nosso homenageado.

Mas alguns companheiros pediram para dar uma palavrinha, e vamos quebrar o protocolo. Não sei se pela ordem, deputado Afonso Florence, Caê, Cícero e a deputada Neusa.

O Sr. AFONSO FLORENCE:- Boa tarde, serei bem rápido, mas vou dizer tudo.

Deputada Fátima, parabéns! Naidison, companheiro, em sua pessoa quero saudar toda a Mesa; secretário Jerônimo, que aqui representa o governador Rui Costa; Elisângela e Caê, em nome dos movimentos sociais.

Como eu disse, serei bem rápido. Esse quadro representa as elites políticas de outra época, uma época que se foi e não deixa saudades. O golpe e o governo Temer são um anúncio do risco que a Bahia corre, do retorno ao domínio da oligarquia que, àquela época, teve como principal líder oligarca o ex-senador, avô do atual prefeito de Salvador.

O que Naidison e, atrás dele, digamos assim, milhares e milhares de pessoas, que são representadas por vocês que estão aqui, fizeram junto com Lula, com Wagner, com Rui foi o oposto do que eles fizeram na época deles. Nós promovemos direitos, direito à moradia; direito à educação, com cotas para mulheres, para negros, para quilombolas; direito à saúde pública; muitos direitos, e o principal deles o direito à água. Eles querem fazer da água mercadoria.

Teremos no ano que vem o Fórum Social Mundial e o Fórum Mundial Alternativo da Água – FAMA; o Fórum Social Mundial, aqui, na Bahia, e o FAMA, em Brasília.

E essa Comenda Dois de Julho, que é mais do que o Título de Cidadão ou de Cidadã, é o título de liderança da luta pela libertação, Naidison, é uma honra para todos nós, que Fátima nos propiciou, e é um anúncio, Neusa, do quanto nós temos que lutar pela frente para garantir que a democracia seja restituída, que os direitos sejam restituídos e que a água seja preservada como direito humano fundamental, e não como mercadoria, como querem fazer o governo Temer e o grupo político do DEM, de ACM Neto, que foi ao Supremo tentar impedir as cotas, que foi ao Supremo tentar derrubar o decreto que regulamenta terras quilombolas.

Por isso, Naidison, para nós é muita honra te homenagear e atualizar nossa agenda de lutas pelos direitos em geral e, em particular, pelo direito à água.

Parabéns por tudo, felicidades, muita saúde para continuar a nos liderar nessa luta.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Com a palavra Carlos Eduardo, conselheiro de Segurança Alimentar.

O Sr. CARLOS EDUARDO:- Meu amigo, companheiro Naidison; todos os presentes; eu queria trazer aqui, primeiro, um grande abraço do Conselho de Segurança Alimentar Nacional, ao qual você pertence desde o primeiro mandato, uma luta a partir do momento em que o presidente Lula proclamou que devíamos transformar a luta contra a fome numa política pública. Foi instalado o Consea Nacional e nós tivemos, e temos até hoje, Naidison como uma das lideranças da Bahia, que nos representa e nos coloca a responsabilidade de lutar contra a fome, que está voltando.

Nós saímos do Mapa da Fome, construímos políticas de segurança alimentar, tanto nacional como aqui, no Estado, e nós fomos parceiros durante 15 anos dessa caminhada. Nós já nos conhecíamos pelo trabalho e a parceria com o Sasop, que foi gerado num processo de parceria com o MOC, mas nós vivenciamos juntos uma cumplicidade de companheiros de luta, que me honra muito dizer que foi um dos momentos mais significativos da minha vida.

A gente tem alguns mestres na vida, e eu acho que você é um dos mestres que pôde me dar o sentido da luta do povo e o sentido do que é construir uma caminhada com o povo. Já trabalhamos em comunidades de Base, em várias experiências. Mas, por que esse Plenário está tão cheio por conta de uma pessoa que não é governador, não é ministro, não é senador, não é deputado, não tem mandato político algum? E por que a gente está aqui? Por que a gente se mobilizou e vieram várias caravanas de vários cantos da Bahia? Porque o sentido da democracia que Naidison vem construindo é, em primeiro lugar, falar com toda autoridade que o povo é o sujeito do processo. Isso a gente sempre aprendeu com ele.

Eu lembro que, em muitos momentos, nos diálogos com o presidente da República, Lula, a presidenta Dilma, no Consea, com ministros, Naidison nunca abaixou a cabeça, porque sempre falou a partir da sensibilidade que ele sempre teve com os mais pobres e os mais excluídos do nosso semiárido e do nosso Nordeste.

Então, eu queria, Naidison, agradecer-lhe muito por essa nossa parceria, por nossa amizade. Você é uma pessoa que me ensinou muito e continua me ensinando. Não temos reverências um ao outro, mas temos cumplicidade e um caminho partilhado com muito amor e muita lealdade. Lógico, sou mais novo, mas me sinto muito emocionado, mesmo, de poder partilhar uma caminhada contigo, como outros aqui também sentem essa emoção. Eu queria lhe agradecer e parabenizar-lhe por este momento histórico para nós.

Porque não adianta a gente ter cargo de político, a gente tem de fazer política com P maiúsculo. E Naidison faz política com P maiúsculo, porque ele está sempre junto do povo, construindo com o povo, organizando a partir das bases o nosso processo de mobilização social, que é tão rico, através da ASA e de outros movimentos em que a gente se inclui.

Um grande abraço no coração e parabéns por este momento. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Com a palavra a deputada Neusa Cadore.

A Sr.^a NEUSA CADORE:- Boa tarde a todos e todas.

Quero cumprimentar toda a Mesa. Quero fazer uma saudação à nossa deputada Fátima Nunes, essa mulher sertaneja, filha de Dona Maria Oliveira, que veio do sertão, como ela gosta de dizer, do sertão ao litoral. E Fátima, Caê, sabe que política a gente faz a partir da nossa realidade, a partir da nossa gente. E hoje Fátima dá para a gente a oportunidade de viver esse grande momento.

Olhando daqui a gente vê rostos muito queridos, muito significativos afetivamente para a gente, mas, sobretudo, de companheiros e companheiras que fazem história. Com certeza, com a homenagem, com a ideia de oferecer essa homenagem, que muito honra a esta Casa, Fátima está realizando o desejo de milhares e milhares de pessoas.

Eu acho que, talvez, pouca gente entrou nesta Casa para receber um título com a autoridade e a legitimidade de Naidison. (Palmas)

E acredito também, aqui muita gente também acredita, que nos momentos mais difíceis é extremamente importante a gente receber a luz na caminhada feita, a gente ter a certeza das experiências que a gente viveu, do caminho feito, do que deu certo.

Eu quero agradecer a Naidison pela dedicação, pela generosidade, um homem, como foi lembrado aqui, filósofo, teólogo, professor, especialista, mas que decidiu dedicar sua vida às pessoas simples, dedicar sua vida a empoderar as pessoas, a fazer as pessoas descobrirem a sua força. E toda a sua trajetória no MOC, na ASA, por onde ele andou, mostra-nos o entendimento, a sabedoria que ele conseguiu ter nessa vida, nessa sua trajetória, entendendo a importância de trabalhar gente.

Nós sabemos que o MOC é um celeiro de lideranças, uma entidade que ao longo dos seus 50 anos construiu processos muito ricos e ofereceu para a história do semiárido essa experiência e a experiência concreta de superação, mas, sobretudo, uma coisa extremamente importante, que é a pessoas acreditarem na luta. E quando Naidison articula a ASA é a sabedoria daqueles que são humildes e sabem que a força está no processo coletivo.

Então, Naidison, nós lhe agradecemos muito. E, nesse momento, você é uma luz que nos aponta o caminho, que nos conforta, que nos fortalece, porque nós

sabemos que vivemos tempos difíceis e que exigem de nós muita coragem. Mas seguiremos o seu bom exemplo e continuaremos na luta. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Com a palavra Elisângela, da Federação do Fórum da Agricultura Familiar.

A Sr.^a ELISÂNGELA ARAÚJO:- Boa tarde a todas e todos.

Quero cumprimentar, saudar, Fátima com muito carinho neste momento, parabenizá-la por ter feito esse momento de homenagem que deixa a gente muito feliz, muito emocionada, muito mexida porque é uma história também da gente.

Então, quero saudar, aqui, a Mesa: Cícero, Caê, César Lisboa, Ângelo, filho do Naidison; quero saudar também o Sr. Jerônimo, presidente do MOC. Durante a caravana ele emocionava a gente com as falas, trazia muitos argumentos; a nossa deputada querida Neusa; Jerônimo, nosso secretário do Desenvolvimento Rural da Bahia; e saudar o Naidison, toda a sua família, os seus filhos, a sua esposa; mas também, Naidison, quero saudar sua outra família que é tão importante para a gente, todos do MOC, toda a família moquiana, e da ASA que estão aqui, neste Plenário (palmas); saudar Albertino, que também é uma pessoa que faz parte dessa história.

Naidison, estar aqui com você, compartilhando deste momento, em nome do Fórum Baiano da Agricultura Familiar... Todas as nossas organizações têm o maior carinho e respeito por você, por sua história, pela pessoa que você é, pelas contribuições que você traz para a gente da luta e da labuta.

Estou aqui não só como representante do Fórum, mas também como agricultora familiar, uma militante do semiárido e do sisal, do território do sisal, que sabe muito bem o que você trouxe para a gente ao longo desses anos quando, através do MOC, através da sua ação na ASA, colocou para a gente, como dirigentes e militantes das nossas organizações, a importância de uma política tão importante para mudar a vida de pessoas do semiárido baiano.

Aprender com você a entender que, para o semiárido, só precisava de políticas públicas e de vontade política; aprender com você que construir políticas públicas e trazer a capacidade de ter essas políticas para todos os segmentos e, em especial, a agricultura familiar e quem vive no semiárido é compreender um projeto de sociedade.

Então, quero trazer para você, aqui, toda a nossa homenagem, todo o nosso carinho, porque você é uma inspiração de alguém que traz para a gente a importância de que é preciso lutar, do que é preciso transformar.

Um momento como esse que estamos vivendo em nosso País, de golpe, sofrendo os impactos do golpe, principalmente a classe trabalhadora brasileira do campo e da cidade, um momento como esse nos fortalece, Fátima Nunes.

Parabéns, Fátima, porque momentos como esse trazem para a gente, num final de ano como este, dizer assim: é preciso lutar, é preciso transformar. E nós que estamos aqui, a representatividade que está aqui, nesta Assembleia Legislativa da Bahia, nesta tarde, temos a capacidade de juntos, unir forças na unidade da adversidade e lutar por um Brasil melhor, lutar por uma Bahia melhor e lutar por um semiárido com gente, e gente vivendo feliz.

Então, todas as nossas homenagens, todo o nosso carinho. Vida longa, Naidison, para continuar junto com a gente, sempre trazendo a sua experiência e a sua contribuição para todas as nossas organizações e a nossa militância do semiárido, da Bahia e da agricultura familiar.

Um grande abraço e continue firme nessa firmeza. Viva a agricultura familiar! Viva o semiárido! Viva Naidison, o nosso inspirador e o nosso batalhador! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Eu sei que todas as palavras, digamos assim, são pequenas para o momento, mas a gente vai tentando chegar ao fim o mais brevemente possível, por causa da viagem de volta, mas ainda temos aí o nosso companheiro Cícero e, claro, nosso secretário Jerônimo Rodrigues, que está com tudo pronto e organizado aqui. Valeu!

É com você, Cícero.

O Sr. CÍCERO FÉLIX:- Companheiros e companheiras de caminhada, boa tarde.

Quero saudar as autoridades aqui presentes saudando a deputada Fátima Nunes. E desde já agradecendo por essa justa, mais do que justa, justíssima homenagem. (Palmas)

Meu amigo, meu mestre amigo, vai ser muito difícil falar aqui agora, mas vou tentar. Nós estamos aqui para ser homenageados com você, assim como você nos pediu, como você fala de forma bastante direta: “A homenagem não é minha, não é para mim, a homenagem é nossa, a homenagem é do povo ou dos povos do semiárido”. Estamos aqui (palmas), mas sabemos da importância da sua participação. Saímos de 1 milhão de mortos nos anos 80 para mais de 1 milhão de tecnologias e convivência com o Semiárido Brasileiro, sem nenhuma morte de seres humanos registrada por falta de água limpa e por falta de comida. E você tem uma responsabilidade muito grande por esse feito.

As viagens para os diversos cantos do semiárido, para as comunidades, para as reuniões com as comunidades, associações, cooperativas, mas ao mesmo tempo as viagens para dialogar com ministros, secretários, presidente da República... em nenhum momento você perdeu o foco. Já tivemos muitas pelejas. E olhando para a biodiversidade do semiárido, às vezes, fico tentando fazer paralelos entre a sua pessoa e as diversas outras formas de vida do semiárido. E às vezes eu lhe vejo como

um espinho de mandacaru: afiado, cortante, penetrante nas críticas duras, que doem, vão fundo, mas são reais, leais e justas. (Palmas)

E ao mesmo tempo eu lhe vejo como uma flor de maracujá, maracujá da Caatinga, com uma beleza impressionante e uma sensibilidade fantástica. Então, aquele ser humano cortante, duro na crítica e, ao mesmo tempo, um ser humano belo, sensível, amoroso, grande companheiro. (Palmas)

Então mestre amigo e amigo mestre, aceite as nossas humildes e sinceras homenagens. Nós, povos do semiárido, queremos lhe agradecer muito, lhe homenagear muito por toda a dedicação, por toda a vida doada pelas diversas formas de vida no semiárido. Não só as vidas humanas, mas todas as formas de vida do semiárido. Semiárido vivo...

(O público responde: “(...) nenhum direito a menos!”) Semiárido vivo...

(O público responde: “(...) nenhum direito a menos!”) Semiárido vivo...

(O público responde: “(...) nenhum direito a menos!”) (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Cada vez mais as emoções aumentam, mas agora eu vou registrar as instituições que estão presentes aqui: Coopasub, Asfab, Sintraf, UEFS, Associação de Produtores Rurais, Unicafe, ARCAS, Pastoral Rural, Coopeser, Museu das Artes em Cera, Colégio Estadual Dom Pedro I, Associação Divina Providência.

Quero também registrar a presença do Dr. Wilson Dias, diretor e presidente da CAR (palmas); Rosival, presidente da Fetraf (palmas).

E dos municípios, que são muitas as associações e instituições, eu vou registrar os presentes e, naturalmente, as pessoas se manifestam, levantam a mão e, também, se ficar faltando algum município aqui, ainda há tempo de fazer o registro: Remanso, Cícero Dantas, Sobradinho, Paripiranga, Brumado, Guanambi, Aracatu, Nova Soure, Feira de Santana, Araçás, Conceição do Coité, Tucano. (Palmas)

Tem mais instituições: Sasop, Sajuc, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Cedasb, rádios comunitárias.

Assentamentos: Maurício, Nova Esperança, Renascer e Covas da Árvore. Etevaldo Inácio, superintendente da SAMF, Ministério da Fazenda; José Carlos, secretário da Agricultura de Nova Soure; Jean Nunes, vice-prefeito de Cícero Dantas; Jardiel, vereador de Inhambupe; Jeovan Vieira, vereador de Inhambupe; Gilson Borges dos Reis, vereador de Paripiranga, minha terra natal; João Ferreira de Castro, vice-prefeito de Remanso; representantes do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente.

A querida Célia, da Bahia Terra, mandou uma homenagem para o nosso Dr. Naidison, porque estava mais distante e não pôde chegar; o deputado federal Patrus Ananias, que foi também convidado com muita honra, mandou uma homenagem por

escrito para o nosso querido Naidison Quintella; e o D. Murilo Krieger mandou a sua homenagem para o nosso querido Naidison Quintella, por estar na Itália; e os bispos que não estão presentes também justificaram, por estarem em assembleia na Diocese de Cruz das Almas.

Quero agora passar a palavra para o nosso secretário Jerônimo Rodrigues; em seguida faremos a entrega da medalha; as pessoas que trouxeram presentes e lembranças vão se preparando aí para o momento da entrega; os músicos presentes vão preparando as suas guitarras, porque depois vai ter muita música para nós.

Sicoob Sertão; Asamil, presente; IRPAA, presente; Coaps, presente. Pode também colocar o nome que a gente registra aqui. Assentamento Cajuba, o maior do Nordeste, 300 famílias, presente.

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Quero agora passar a palavra para o nosso secretário Jerônimo Rodrigues. Pois não, secretário.

O Sr. JERÔNIMO RODRIGUES:- Boa tarde, a todas e a todos.

Eu tenho aqui uma missão dividida entre uma representação de governador... Então, Naidison, eu trago aqui tanto a você quanto à deputada Fátima Nunes a mensagem, o abraço e a acolhida do governador Rui Costa. Ele, hoje, está numa agenda em Brumado. E quero dividir essa homenagem ou essa presença minha aqui com o companheiro Cézar Lisboa, porque eu estava na missão dele para ir para Brumado e conseguimos modificar para estarmos aqui, hoje, lhe abraçando. (Palmas)

Cézar foi o indicado para vir representá-lo. E quando eu cheguei, ele também não sabia. De imediato e de pronto – não foi só pelo cargo de secretário –, ele reconheceu, pela nossa relação e pela minha participação na vida do MOC e na sua. Então quero dividir com Cézar Lisboa essa representação aqui. Tem ainda aqui do estado o meu companheiro Wilson Dias, com quem eu dividi também uma vida no MOC. E tem ainda mais uma colega de governo, que é Rose Pondé. Em nome dessas quatro pessoas eu quero dividir essa representação aqui. (Palmas)

Quero dar um abraço muito especial à deputada Fátima Nunes. Eu sei que para vocês é muito difícil escolher essas pessoas para serem homenageadas. São escolhas difíceis, porque tem muita gente que merece essa homenagem, que merece essa Comenda. E a sua coragem e determinação em indicar o companheiro Naidison, nos representa de forma muito ampliada. Parabéns! Deus lhe abençoe, deputada Fátima.

Quero saudar aqui, mais uma vez, Naidison, a você e a toda sua família: a Chica, que está ali bem de frente, (palmas) a Albertino e, em nome dele, todos os seus irmãos, todos os seus parentes. Mas quero destacar aqui os dois Luiz, Ângelo e Abel, que são seus filhos, saudar aqui os esposos, as esposas e as netas, que são suas e de Chica. (Palmas). Sou testemunha, Naidison, da sua dedicação ao trabalho que você fez e, portanto, você por muito tempo abriu mão da sua família. Então sei que ela é muito importante para você, que dividiu o seu tempo com a gente. Então, quero aqui, nesse momento, saudar os seus filhos. (Palmas)

Quero saudar a deputada Neusa Cadore; o deputado Marcelino Galo, que estava aqui conosco, mas teve que sair, marcou presença; o deputado federal, meu companheiro, Afonso Florence; ao presidente atual do MOC e meu sênior, José Jerônimo Moraes; estender aqui à Prof.^a Ana e à Prof.^a Marjorie, em nome da universidade; Inês, quero estender aqui um abraço a Ruy Pavan, em nome da parceria feita pela Unicef, Ruy está bem aqui ao lado; em nome de Célia Firmo, saudar a todos os colegas e companheiros da família MOC; saudar Cícero, do Consea; ao companheiro Caê, do Sasop; à companheira Elisângela, do Fórum; e ao companheiro Rosival. (Palmas)

Desculpem me, se eu estou aqui esquecendo alguém, mas como o tempo nosso é curto... acho que tem duas motivações muito fortes desta homenagem: uma, Naidison, é que você aqui vai receber essa Comenda, ela é sua, você está sendo homenageado porque você merece, pelo seu esforço. Um grande líder tem que ter inteligência, tem que ter determinação, tem que ter força e tem que ter coragem. Você tem tudo disso, sensibilidade, você tem carregado em si a capacidade de enxergar coisas de um grande líder, onde tem potenciais. Isso você faz com muita proeza. Então essa homenagem é sua também, mesmo que Cícero tenha dito que o recado seu era de que era uma homenagem compartilhada, e nós acreditamos nisso. Mas essa homenagem, essa Comenda Dois de Julho, obedecendo aqui a orientação do meu professor Cézar Lisboa – que pediu o recado e eu vou dar –, é em homenagem a grandes pessoas, ilustres, da luta em defesa da independência da Bahia, pessoas que são referência na construção de uma Bahia livre, de uma Bahia melhor.

E nós entendemos que essa Comenda deve ter sido dada a muitas pessoas na história dessa Assembleia Legislativa, mas você carrega no seu DNA uma responsabilidade que a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia reconheceu em você este outro lado. Porque normalmente as pessoas que recebem esta comenda ou esta homenagem são pessoas que vieram através do voto, como deputados, prefeitos ou magistrados do Poder Judiciário. E você aqui está representando essa camada que luta pelo combate a pobreza, que luta pelo semiárido mais forte, que luta pelo meio ambiente que, para que tenhamos a responsabilidade que temos que ter.

Então, é uma comenda com duas faces: uma comenda com a sua cara, com seu jeito, e uma comenda com a cara do povo, com a nossa cara. (Palmas) Parabéns.

A outra motivação... da mesma forma que Cícero embargou a voz, eu já saí dali com a voz embargada. Quero encerrar dizendo que já falaram da luta pelo momento que estamos passando no País. Estou muito bem contemplado com isso. Essa homenagem vem num ano importante para você: sua saúde foi prejudicada e você superou. Você demonstrou mais uma vez muita força. Superou um câncer (palmas) junto com sua família e seus amigos. Que Deus lhe dê muita força, Naidison. Muita saúde para continuar nos guiando.

Um abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Quero registrar a presença de Watson Santos, músico, que está conosco, Ronaldo, também músico, e Emerson; os três vieram animar a nossa solenidade.

Registro a presença das pessoas do município de Araci; Associação da Vargem Grande; Apaeb; da Sr.^a Superintendente de Inclusão e Segurança Alimentar, Rose Pondé, que já foi saudada pelo nosso Dr. Jerônimo. Tem vaga para se sentar aqui na frente, Dr.^a Rose, a madrinha da agricultura familiar; Sr.^a Representante da Cáritas Brasileira Nordeste 3, Amanda dos Santos Silva.

Como sempre, nos dias de emoção muita coisa vai sendo trocada. É um caso sério. Agora vou convidar o filho do nosso querido homenageado Naidison Quintella, Luiz Ângelo. Depois entregaremos a medalha.

O Sr. LUIZ ÂNGELO:- Boa tarde a todos. Boa tarde, pai. É com muita satisfação e felicidade que venho aqui representar a nossa família.

Temos de ser curtos. A correlação que faço muito com a vida de meu pai, apesar de ele nunca ter sido agricultor, mas sempre lutou pela causa dos pequenos agricultores, a vida dele parece um ciclo de plantação. E isso passa por semear e multiplicar. Vejo meu pai muito com essa capacidade: capacidade de semear. E isso pode ser no seio da família, quando criou seus três filhos, passando valores de união, de olhar o próximo como nós somos, de respeitar, de tentar incluir a outra pessoa. Nós três carregamos isso muito fortemente. (Palmas)

Como disse Jerônimo, apesar de termos de cedê-lo para esta causa, na verdade ao cedê-lo, acho que bebemos disso mais do que cedemos, porque isso é uma aula para a gente. (Palmas)

E a vida dele foi feita de círculo de sementeiras. Ele foi um grande semeador na UEFS. Hoje, há muitos tios meus aqui que foram tios e são professores lá. E a gente, por onde anda, vê os filhos que brotaram no que você semeou. São aqueles que lhe olham como mestre e como professor, multiplicando isso.

E há o seu papel na ASA, no MOC e em todo o movimento para inclusão dos que pouco têm e poucos são vistos. Isso, nada mais é do que semear e semear passando para os outros o que você acredita e plantando no coração das pessoas para que elas germinem e multipliquem.

E, durante todo o problema de saúde que você teve no ano passado, a gente percebe o quanto isso é verdadeiro. O que você plantou, a gente descobriu um monte de irmãos que, talvez, a maioria esteja aqui. Na verdade, são irmãos virtuais nossos (palmas), mas são irmãos de coração (palmas), são irmãos que compartilharam com a gente a luta, a dor, mas, acima de tudo, a esperança de superar com o amor de filho, com amor de irmão.

Na verdade, estou aqui representando a minha família mas estou, também, representando todos vocês quando falo de pessoas que são filhos e irmãos de Naidison.

Obrigado a vocês que são meus irmãos neste processo. (Palmas)

E, para concluir, quero citar duas coisas que ele fala muito. Temos vivido um momento muito difícil no Brasil. Mas, além de tudo, a gente tem de exercer o verbo esperar. Esta é uma palavra muito falada por ele, não no sentido de esperar, mas no sentido de acreditar. E, neste momento, para a gente acreditar, a gente tem que resistir. Esta é outra palavra que ele usa muito.

Então, meus irmãos, obrigado.

Obrigado, Fátima.

Obrigado a todos presentes pela honra de meu pai.

Pai, estamos juntos. (Palmas)

(Os convidados manifestam-se calorosamente.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Agora, com a palavra o Dr. José Jerônimo, presidente do MOC – Movimento de Organização Comunitária. (Palmas)

O Sr. JOSÉ JERÔNIMO:- Não se espantem. Não tenham receio, porque este papelório aqui (mostra os documentos em mãos) será só para eu não me perder. (Risos)

Quanto a esta encomenda de falar breve e curto, os romanos sabiam que era importante, “*posto brevis et placebis*” ou “seja breve e agradará”. Eu não consigo ser breve. Às vezes, agrado. (Risos)

Mas, gente, eu já estou ficando meio caduco. (Risos) Enquanto o São João Evangelista foi aquele que mais viveu dentre os apóstolos, ele, em Éfeso, não sabia mais fazer a homilia, a pregação. Mas a comunidade tinha muito respeito por ele e o conduziu até a frente da comunidade para ele dizer alguma coisa. E ele só dizia naquela hora a canção de uma nota só: “Irmãos, amai-vos uns aos outros.” Ele só dizia isso e repetia isso. Toda vez, ele só tinha isso para dizer. Eu estou ficando um pouquinho assim. (Risos).

Uma confissão vou fazer de público: hoje em dia, só me interessa o Brasil. Penso que há uma remota possibilidade de algum dia os brasileiros, nós, os nascidos aqui, tivermos a coragem de redigir um documento de validade internacional dando a reintegração de posse das terras aos índios. (Muitas palmas) Isso é caduquice, mas é a minha caduquice!

Há a outra confissão. Eu me surpreendo muito ao ler a Constituição brasileira, no Título VIII, Da Ordem Social, Capítulo I, que é o único capítulo desse título. Para avivar a memória, é o art. 193 que diz o seguinte: “*A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais.*”

Vocês já tinham lido isso? Tinha parado para pensar na enormidade que é isso? Os Srs. Deputados e Senadores não leram, porque se tivessem lido e pensado,

tinham, na primeira reforma da Constituição, anulado este artigo, porque ele é, extremamente, revolucionário. O primado do trabalho não é do capital: é do trabalho.

A Constituição baiana não teve essa coragem. Esse título não existe na Constituição da Bahia. Por quê? Não interessa. Não tem. Contudo, a Constituição Federal ainda tem. Mas, talvez, com essas reformas todas, vai desaparecer isso.

Mas, vejam bem, o Brasil deve ser construído nesta base do trabalho. Visando ao quê? Ao bem-estar e à justiça social. Não precisa fazer nenhum outro comentário, porque estamos, exatamente, na contramão. Mas não é bem isso o que eu quero dizer. (Risos)

Posso ainda continuar?

Os convidados respondem: Deve!

O Sr. JOSÉ JERÔNIMO:- E devo, não é?

Naidison, em um momento na UEFS, houve a loucura de me convidar para ser candidato a reitor, Marjorie. E eu disse: “Gente, não levo jeito nenhum para isso.” Teimaram, insistiram e disseram que se eu não aceitasse, a universidade perderia o bonde da história e não sei mais o quê, etc.

Eu respondi: “Bem, não vou me arriscar a isso.” E o que a gente faz? Eu disse ter um nome e afirmei aceitar ser vice se Naidison fosse candidato a reitor. Mas por que Naidison? Porque Naidison é o camarada, é o cabra, porque ele sabe chutar na hora e no lugar certo com a força necessária na canela de quem quer que seja. (Muitas palmas calorosas) Claro, com essa plataforma, perdemos a eleição. (Risos)

Mas, gente, há uma coisa fundamental nisso tudo. Perguntei a Naidison como ele se vê e como ele se lança nas coisas com a cabeça de – me perdoem vocês aqui – com a cabeça de urbano, de gente que mora na cidade ou com a cabeça de um ruralista, um pequeno agricultor. Perguntei-lhe como ele se vê e como ele se lança. A minha resposta era, certamente, a segunda alternativa. Hoje, fiz minha pergunta. Naidison me respondeu ser, exatamente, assim.

Claro, o semiárido é uma coisa. Porém, ter nascido acidentalmente não digo, mas, de qualquer forma, nascido em Salvador mas voltado às suas origens que era o cultivo da terra, a vivência com o pequeno agricultor. Isso, acredito que o seu Naidison, para essa percepção que ele tem, qual seja, a de que o trabalho que está sendo feito nessa região do semiárido aqui, na minha leitura, representa a refundação do Brasil. (Palmas)

O Brasil nasceu errado, nasceu com a coroa, um trono, uma corte, vassalos e donatários. O povo estava descalço, faminto, lutando contra uma natureza ingrata. Esse povo nunca foi lembrado, nunca foi levado em conta.

E, assim, passou-se de colônia para reino unido, para Império, para a República, pior do que isso, para a República onde os nossos republicanos não tinham, absolutamente, a capacidade de enxergar o povo. Me desculpem esta veemência e este estourar tempos. Mas, gente, eu precisava dizer isso, porque, nesta

Assembleia aqui, nós, da UEFS, professores, por várias vezes aqui, ocupamos a Assembleia para dar o testemunho de que a educação é o principal. (Palmas)

E não é descoberta nossa em Feira de Santana não! Ruy Barbosa, no período final do Império, recebe de Dom Pedro II o encargo de fazer uma proposta de reforma do ensino desde a base até a universidade. Ruy Barbosa leva a sério isso, apresenta a Dom Pedro II já no final da Monarquia. Dom Pedro II diz: “Tudo bem. Estou de acordo. Agora, você vai levar isso para a assembleia, porque não sou eu quem tem autoridade para tornar isso lei. Leve para a assembleia.”

Ruy Barbosa, baiano, apresentou-se na assembleia e, em certa altura, disse: “Senhores Deputados, se os senhores não tiverem a coragem de empenho sério, determinado, numa verdadeira reforma do ensino, é melhor que não façam nada, porque chega de remendos!”

Posso continuar? Pode ser?

Vamos a Anísio Teixeira, repito, Anísio Teixeira! Baianos, por que esqueceram este homem? Ele foi jogado no poço de um elevador! Todos nós colocamos uma pedra em cima e não falamos mais em Anísio Teixeira. Por quê? E o que Anísio Teixeira disse na Assembleia, aqui, quando foi convidado a apresentar nova reforma do ensino?

Ele disse exatamente isso: “É necessário se ocupar com a escola de base. E aquela autonomia que exigíamos para a universidade deve ser dada à escola primária, a primeira escola. Uma escola que não tem autonomia não é um ambiente de vida, não é um ambiente de crescimento.” Isso, ele disse aqui na Assembleia.

E eu acredito que eu posso fazer este apelo para os eleitores pensarem sobre isso. De qualquer forma, o povo é o legislador, o povo é o Executivo, o povo é o juiz. É preciso que nós nos assumamos assim.

E aproveito a grande lição que Naidison vem dando cotidiana e generosamente. Não esqueçamos esta lição. Vamos sair daqui para continuar a festa bem merecida, mas lembrando que temos uma responsabilidade muito grande, qual seja, a de refundar o Brasil começando das suas bases.

Parabéns a todos vocês. (Palmas)

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Mais uma vez, agradeço a todos e a todas. Agradeço a todos os que fizeram uso da palavra, aos que acolheram a palavra e àqueles que levam a palavra para o futuro trabalho nosso.

Estou vendo, ali, o nosso querido companheiro Jonas Paulo. Ele já foi candidato a deputado federal e a senador; pode vir aqui para frente. É uma alegria, porque, agora, vamos registrar, ainda, as presenças da Efacid (Escola Família Agrícola de Cícero Dantas); da Caras (Central de Assentamentos e Acampamentos do

Semiárido); da Coaps; da União dos Bombeiros Voluntários de Catu; dos representantes dos municípios de Ipirá, Pé de Serra, Ruy Barbosa, Riachão do Jacuípe, Serra Preta, Retirolândia. Agradeço as demais presenças de todos os que vieram nesta tarde, pois só realmente engrandeceram este momento, um momento nobre, um momento feliz.

A cada hora, eu recebo os cumprimentos de amigos por ter acertado.

E eu quero aproveitar a oportunidade e registrar, também, o meu agradecimento a todos os pares desta Casa, porque a votação, para a aprovação da concessão desta comenda, recebeu a maioria absoluta de todos os votos em homenagem a Naidison Quintella. (Muitas palmas) Portanto quero registrar esta alegria por todos terem compreendido o valor desta homenagem e terem votado favoravelmente para, hoje, podermos fazer esta festa com ele mesmo.

Naidison Quintella passou uma mensagem para mim no dia da votação. Esta homenagem foi repetida hoje por Cícero: “Esta homenagem é o dia de fazermos a festa do semiárido.”

Mas esta homenagem, antes de tudo, é para você Naidison e para a sua família por sua dedicação, porque, sem isso, não teríamos tanto seguidores, tantas organizações, tantos movimentos e tanta força positiva e energia para transformar o semiárido.

Convido, agora, Naidison e seus familiares como a esposa, os filhos e os netos para se dirigirem à Mesa Diretora, a fim de fazermos a entrega desta Comenda Dois de Julho.

Logo em seguida, teremos as entregas, também, de outras homenagens que outros companheiros trouxeram e, depois, a fala do homenageado.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTE (Fátima Nunes):- Vamos, agora, seguindo com as homenagens: ASA-BA traz também uma medalha do trabalho das mulheres; Fórum Baiano de Agricultura Familiar – cada um entrega e vai voltando – Movimento de Organização Comunitária; ARCAS – Associação Regional de Convivência com o Semiárido; Rede de Produtoras da Bahia e o Secretário Gerônimo também trouxe homenagens. (Palmas)

(Apresentação musical.)

A Sr.^a PRESIDENTE (Fátima Nunes):- Guarda contigo esse dia tão bonito, tão festivo e vamos ouvir agora a palavra do nosso homenageado. (Palmas). Guarda contigo esse dia de hoje, maravilhoso, coração festivo, de muita emoção do semiárido vivo. Cadê a palavra de ordem que o povo gosta de dizer? “Semiárido vivo, nenhum direito a menos”. Muito bem.

Naidison de Quintella, nosso homenageado, com a palavra.

(Palmas).

O Sr. NAIDISON DE QUINTELLA:- Boa tarde a todas e a todos.

Quero saudar a Mesa na pessoa da deputada Fátima Nunes, enquanto mulher e guerreira do semiárido. (Palmas).

Quero saudar todas e todos que estão aqui, nesse momento. Eu queria começar as minhas palavras, que são difíceis, nesse momento, dizendo que esse é um momento bonito, um momento bonito, coisa rara no Brasil de hoje. Hoje, a gente só escuta notícias de momentos ruins, porque momentos que destroem os direitos, principalmente os direitos dos mais pobres.

Mas, esse é ao contrário, esse é um momento bonito, e eu queria dizer por que é um momento bonito. É um momento bonito, porque nós começamos esta sessão cantando o hino da água, de Roberto Malvezzi, de Gogó. Então, esse é um hino da Aza, é um hino de todas e de todos os que se envolveram na construção de um milhão, duzentos e cinquenta mil cisternas no semiárido brasileiro. (Palmas).

Esse é um hino místico que nos anima, que nos questiona, que nos coloca para frente nessa construção.

Então, essa Assembleia, esse local da Assembleia Legislativa não deve estar muito acostumado a escutar esse tipo de coisa. É um momento muito bonito e muito peculiar. É um momento bonito, porque ele é coletivo. Ele não é de Naidison, ele não é meu. A medalha está em meu pescoço, mas é uma circunstância, ele é nosso. (Palmas) Esse momento não é meu, e eu quero reafirmar isso aqui com todas as letras e com toda força. Não é meu, porque eu não faria nada do que fiz, eu fiz um bocado de coisa, de um lado e de outro, boas e ruins, mas não faria se não tivesse arrodado desse monte de gente que, juntos, construímos um semiárido melhor.

Então, a construção do semiárido melhor é uma construção coletiva, não é uma construção individual. É uma construção de Fátima, de Neusa, de Jerônimo, da Caê, de Cícero, é uma construção de Haroldo, que está ali em cima e para quem peço uma salva de palmas. (Palmas)

O semiárido se orgulha de ter gente como você que se dedica a ele dia e noite, momento por momento. E a gente sabe. Você não nasceu aqui, você é da Europa, mas você ama, gosta, dedica-se, constrói o semiárido justo, às vezes, muito mais do que todos nós.

Então, essa homenagem é também sua, é também de todos esses guerreiros e guerreiras. É uma perspectiva coletiva. Ele é um momento bonito porque é um momento emocionante e a gente não vive sem emoção. A emoção ajuda a jogar a gente para frente. Quem é rigidamente seco não caminha, precisa da emoção para se envolver, para se jogar, para caminhar, para errar e para acertar, também.

E é bonito este momento, pelos temas que já tratamos aqui nesta Casa. E temas que esta Casa não tem muito costume de escutar. Escutar a convivência com o semiárido, escutar a justiça, escutar a refundação do Brasil, escutar para a gente assinar um decreto e devolver o Brasil aos indígenas. Escutar um conjunto de elementos que a gente falou e que foram os corações que falaram.

Então, este é um momento bonito, por isso, e é importante na vida a gente ter momentos bonitos. Então esse um primeiro registro que eu queria fazer.

O segundo é assim, ninguém nasce do nada. Ninguém nasce solto no espaço e também ninguém vive no nada, solto, ninguém vive solto no espaço. Eu nasci a partir de Ângelo Baptista e de Antônia Quintella Baptista. (Palmas) E, nesse espaço, eu bebi valores que acho que são impressionantes e importantes. Eu bebi o valor da honestidade. O meu pai, se a gente não trouxesse o troco de um centavo, o bicho pegava. Então era o valor da honestidade, o valor do trabalho, o valor da solidariedade e o valor da verdade. E da minha mãe, com todos esses, principalmente o valor da religião, da perspectiva cristã, etc.

Então eu nasci cercado por um conjunto de valores que foram muito importantes e que ainda hoje marcam a minha vida e a minha caminhada.

Mas, hoje, eu vivo situado. Luiz Ângelo colocou algumas coisas do situar. E o situar nosso, hoje, é principalmente o situar da cumplicidade. Eu acho que eu, Chica, os meus filhos, Glauco, todos nós, vivemos a perspectiva da cumplicidade e essa perspectiva é também boa e importante.

Mas eu queria destacar aqui a figura de Chica. (Palmas) A gente poderia falar um bocado de coisas dela, mas eu quero falar três coisas, ou duas, principalmente: a fortaleza – Chica é uma mulher forte – e a capacidade de superar limites. Chica é hoje uma pessoa a quem a natureza, os processos da vida, retirou a capacidade de ver fisicamente, mas ela não perdeu a capacidade de ver a vida, ela não perdeu a capacidade de ver a família, ela não perdeu a capacidade de ver a justiça, (Palmas) ela não perdeu a capacidade de ver solidariedade e por isso ela é uma mulher forte e é uma mulher que me suportou e me suporta, (palmas) porque não é fácil não, e me partilha com o processo do Semiárido e o processo da construção da justiça. Porque, muitas vezes, eu estou mais no mundo do que dentro de casa. E isso não levou, em nenhum momento, a gente a ter uma rusga, uma diferença, uma perspectiva de amargor, ao contrário, a perspectiva de que isso é bom, de que isso é importante e de que isso é significativo. (Palmas)

Em toda festa a gente relembra coisas, relembra processos, relembra momentos. Eu queria colocar, aqui, algumas coisas que são significativas, marcantes, fortes na minha vida. Na minha vida, a partir do MOC, foi forte e ainda é todo o processo do trabalho de erradicação do trabalho infantil. Na Região do Sisal e hoje praticamente no estado da Bahia, a gente não aceita mais o trabalho infantil explorador. E a gente diz, com todas as letras, que lugar da criança é na escola, o lugar da criança é brincando, o lugar da criança é ser criança, não é, Rui? Isso foi uma guerra, isso foi uma construção imensa, de muito tempo. E eu me joguei nisso de alma e corpo. E Chica também se jogou. E nós conseguimos coisas, não é, Vandalva e Verinha? Conseguimos coisas inéditas, importantes, significativas para as crianças.

Hoje, vejo que está aqui o Conselho da Criança e Adolescente. Isso é muito bonito, é muito importante. Agora, eu fui um, tinha Verinha, tinha os monitores, tinha os técnicos agrícolas, tinha Wilson, com o Prosperar, tinha um rebanho de sindicatos

que não acabava mais nunca, de associações, e todo mundo mexendo a panela de erradicar o trabalho infantil. E a gente conseguiu. (Palmas) Como a gente consegue isso? Como uma ação do coletivo. Eu andava por muitos lugares, fazia um bocado de coisas, discutia com Rui, discordava dele, buscava apoio na Unicef. Rui era o chefe da Unicef aqui na Bahia e nos apoiou muito nesse trabalho. Mas, quando ia para um lugar, tinha comigo a força dos que trabalhavam em um programa de erradicação do trabalho infantil...

Então, a gente aprende que a gente não é coisa nenhuma, mas que o coletivo é um bicho forte. A gente trabalhou nessa perspectiva da educação contextualizada. A educação contextualizada hoje é um negócio curioso. Os municípios estão procurando o MOC para fazer convênio para trabalhar a educação contextualizada nos municípios. Quando a gente começou a educação contextualizada, Chica foi um dos baluartes desse processo, não é? A gente começou porque tinha dois secretários que tinham sido amigos nossos, um em Santo Estêvão e uma em Santaluz, tinham sido alunos nossos na UEFS, e alguns professores que eram amigos nossos na universidade. Então começamos a mexer com isso.

Hoje temos convênios formais da universidade com as prefeituras, as prefeituras envolvidas e um trabalho respeitadíssimo de educação contextualizada coletivo. Agora, eu botava a minha cara, porque estava lá, gostava. Então, botava a minha cara, tanto me alimentava como alimentava outros, muita gente aqui está nesse bolo.

O protagonismo das mulheres. As mulheres trabalhavam. Tinha no MOC os clubes de mães. Para quê? Para cuidar do sanitário, para cuidar de uma verminose, de uma coisinha aqui, de uma coisinha ali, etc. Mas nunca para discutir o papel da mulher, o lugar da mulher na sociedade, por onde passa a igualdade de gênero, a perspectiva da igualdade de homens e mulheres na construção da democracia. Sei que dei o pontapé nisso no MOC, mas junto comigo tinha uma figura que está lá no Paraná, que é muito amiga nossa e se chama Moema Viezzer, sem a qual eu não teria feito nada. O que fiz? Chamei Moema. Eu não entendia, claro, tinha que chamar quem entendia.

Então Moema balançou o coreto do MOC, balançou o coreto nesse sentido. E, por exemplo, ontem eu estava – cadê Girleide, está por aí, está lá em cima? –, em Serrinha, discutindo o futuro político do Brasil com cem lideranças femininas. Passamos a manhã fazendo esse trabalho, discutindo que os direitos dos pobres desmoronaram e que precisávamos reconstruir. E por onde íamos reconstruir? Vamos reconstruir por aqui, por aqui, por cá, esse é o MOC de hoje. Mas esse MOC que deu o pontapé naquela época não chegaria nisso sem Célia, sem Verinha, sem Bete, sem Sônia, sem Olga, que hoje não está mais no MOC, mas é tiete do MOC; não sem um monte de gente que está nesse trabalho. Então é uma perspectiva coletiva.

Eu queria, finalmente, destacar duas ou três coisas que passaram pela minha vida e que eu já posso dizer a vocês que a enchem de significado e de sentido. Entre essas coisas estão as cisternas. Eu acho que aquilo que Fátima colocava aqui é mais do que significativo: são 1 milhão e 250 mil mulheres que deixaram de carregar água

na cabeça (Palmas), mais de 5 milhões ou 6 milhões de pessoas que passaram a beber água de qualidade, que deixaram de beber lama.

Tem um exército no Semiárido trabalhando isso. A gente não conta as pessoas. Aqui tem Maedson, tem um amigo aqui, tem Climério, tem não sei quem, um monte de gente aqui dentro, não é? Estamos nesse processo de trabalho. Eu não construo nenhuma cisterna. Mas eu falo muito sobre ela, eu vou discutir, eu vou negociar, eu vou buscar dinheiro, eu vou numa viagem, a viagem não rendeu nada, mas a outra rende, e por aí vai. Então, nós conseguimos trabalhar isso. Aqui na Bahia, hoje, a gente não pode falar de cisterna sem falar de Rose. (Palmas) Então, são pessoas e mais pessoas que se envolvem nesse processo. Junto com as cisternas têm as cisternas de produção, que são a água da chuva para as pessoas fazerem sua pequena horta, dessedentar os animais, etc.

Nós já estamos com cerca de 200 mil cisternas de produção. Cícero falou sobre isso. E nós estamos com mais de mil bancos de sementes crioulas no Semiárido. (Palmas) Não são as sementes da Monsanto, não são as sementes cheias de transgênicos, não são as sementes entupidas de agrotóxicos. São as sementes da vida, da paixão (Palmas), são as sementes crioulas, as sementes que geram e que brotam vida. Estamos começando – não é, Aroldo? – as sementes dos animais (Palmas), porque o Semiárido não abre sua perspectiva de vida se olhar apenas as sementes vegetais. Ele precisa, antes de mais nada, das sementes dos animais adequados a ele e a sua realidade.

Então, esse conjunto de coisas fazem com que a gente vá apoquentar a cabeça de Jerônimo. Vai para lá, audiência. “Isso não foi”. “Esse edital não saiu desse jeito”. “O edital devia sair de outro”. Não é? Que a gente vai lá para César Lisboa: “Cadê a passagem do povo para o Encontro Nacional de Pesquisa em Segurança Alimentar e Nutricional?”. Que a gente vai para Rose: “Solta o dinheiro”. Que a gente vai para o secretário, que a gente vai solicitando ao governador do estado uma audiência para solucionar a questão de Correntina, no Oeste baiano. Nós não podemos continuar na Bahia, um estado democrático, com um estado de coisas que está acontecendo em Correntina. E o governador está meio lá, meio cá, está se preparando, etc. e tal, mas nós estamos cobrando dele.

Não sou eu quem cobra, quem cobra é a Asa; quem cobra é o Fórum; quem cobra é a ABA; quem cobra é o Consea. São as organizações que cobram. Mas eu estou lá, com elas. E talvez uma virtude minha tenha sido saber me ‘arrudiar’ de gente boa, porque aí as coisas andam.

Então, era um pouco isso que eu queria dizer a vocês, agradecendo assim profundamente por vocês terem se deslocado de todos os cantos do estado para aqui. Eu sei que esse deslocar foi um deslocar do querer bem, e é por isso que a gente aceita. Não está aqui quem não gosta do Semiárido, não está aqui quem não gosta da agricultura familiar, não está aqui quem não gosta do pobre, quem não gosta do pobre está fora.

Então, nós podemos fazer deste momento, isso é o que eu disse a Fátima, nós precisamos fazer do momento da Comenda a celebração do Semiárido. Do Semiárido que não é lugar de terra rachada, que não é lugar de animal morto, que não é lugar de faminto, que não é lugar de gente que não tem conhecimento. Do Semiárido que é lugar vivo, de pessoas inteligentes, lutadoras. Eu digo sempre que o povo do Semiárido é tão inteligente, que todos os governos do Brasil até hoje quiseram matá-lo, e ele continua resistindo. Ele está aí. Tem 500 anos de políticas para massacrar o Semiárido e os homens e as mulheres do Semiárido dizem: “Nós estamos aqui!”. E nós, que estamos aqui, dizemos aos homens e mulheres do Semiárido: nós estamos com vocês. Não estamos com vocês para substituir a ação de vocês, aquilo que está aí colocado. Nós estamos com vocês para ajudar, porque o caminho é deles, o caminho é de vocês.

É nesse sentido que a gente agradece. Agradece a Fátima, a Neusa, a Afonso e a todos nós que estamos aqui. Terminando, eu queria fazer a reflexão que eu costumeiramente faço, porque eu acho que ela é boa e bonita: toda celebração tem dois olhares, um olhar para trás e um olhar para frente; se ela não tiver as duas dimensões, ela não vale a pena. Então, um olhar para trás da celebração é o que a gente já conseguiu no Semiárido, com as crianças, com as mulheres, com as cisternas, com a água, com a comercialização dos produtos, com as redes multiplicadoras de ações que estão por aí, com todo esse conjunto de ações que nós trabalhamos e que, com certeza, fizeram do Semiárido um Semiárido diferente.

Cícero se referia ao fenômeno de que, numa das últimas grandes secas, houve um genocídio no Semiárido, morreram mais de um milhão de pessoas, e o governo mandava só cesta básica. Hoje nós ainda estamos vivendo uma das maiores secas da vida brasileira, e não morreu ninguém, não migrou. Isso significa que nós, vocês que estão lá em cima, vocês que estão ali, nós que estamos aqui, todas as comunidades que nós representamos, eu no meio, conseguimos construir políticas que significam vida alternativa e libertação para o Semiárido. (Palmas)

Então isso é um olhar. Agora o outro olhar é o olhar para frente, ninguém celebra para ficar só olhando para trás, quem celebra para olhar para trás está louco, está biruta, não é? A gente celebra para se alimentar e se jogar para frente, e, ao se alimentar e se jogar para frente, a gente quer dizer ao povo do Semiárido e a nós mesmos, a cada um e a cada uma, que nós não vamos deixar destruírem os direitos do Semiárido. (Palmas)

Nós estamos neste momento também nos alimentando para continuar o caminho. O caminho é grande, é árduo, duro, ele agora está cheio de pedregulhos, cheio de porcaria, cheio de imundície, mas nós somos inteligentes o suficiente para suplantar essas dificuldades.

É isso que quero dizer a vocês: esse ato tem sentido se nós aqui renovarmos a nossa fé, o nosso compromisso, a nossa perspectiva de vida de lutar por um Semiárido decente, pela agroecologia, pela perspectiva da vida das mulheres, pelas

sementes, pela água, por um Semiárido que seja digno dos seus filhos e de suas filhas, é um pouco isso. Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Com a palavra a Sr.^a Francisca Baptista.

A Sr.^a FRANCISCA BAPTISTA:- Ô, gente, eu queria – me referindo a essa colocação de Naidison em relação à minha pessoa – dizer a vocês o seguinte: nós nos amamos, e o amor no mundo de hoje está, realmente,! (Palmas). Está deturpado, a gente busca não perder esse grande valor da vida. Para nós, amar não é olhar um para o outro, mas ambos na mesma direção. E nós, juntos, escolhemos como direção principal o Semiárido Baiano e o Semiárido Brasileiro. Por isso, nossa ação é também coletiva e conjunta por um Semiárido mais digno e mais justo, e por uma vida mais digna e mais justa para todos os seus habitantes, para todos vocês, mas também para as famílias que lá estão, as que já foram atingidas e as que ainda têm esperança de ser.

Concordo com Naidison: a nossa missão continua, pois o Semiárido já ganhou muita coisa. Está perdendo um pouco com o governo atual, mas nós precisamos resistir para continuar buscando construir esse Semiárido justo e digno que nós buscamos juntos, não só nós dois, mas nós aqui presentes. (Palmas)

Vai aqui um agradecimento especial também às nossas famílias, à família Baptista e à família Carneiro aqui representadas, não só nossos filhos e netos, genros e noras, etc, mas sobrinhos, irmãos, essa força que vocês também nos dão para continuarmos vivendo.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Convido todos os presentes, neste momento de muita emoção pela riqueza, pela grandeza, pelo conhecimento... por tudo isso que foi esta tarde e este dia histórico aqui na Assembleia Legislativa da Bahia, mais uma vez os meus sinceros agradecimentos. Com certeza, a história deixará marcado este dia de hoje.

As pessoas que quiserem depois o vídeo da sessão, podem se dirigir às meninas do gabinete. Queria agradecer à Celhinha, a toda a comissão, que, junto com Celhinha, com o meu mandato, com as meninas do nosso gabinete, organizaram. Parabéns para vocês. (Palmas)

Esses dias foram muito corridos aqui na Assembleia; na verdade a gente também tem muitos compromissos, prefeitos, vereadores procuram a gente no final do ano, eu não tinha muito como cuidar, mas vocês cuidaram maravilhosamente bem. Parabéns, de todo o coração, eu não teria palavras para dizer sobre o esforço que vocês fizeram e a riqueza deste dia.

Queria agradecer aos músicos, que se prepararam a semana inteira para se apresentar, são esses três jovens, amigos do mandato. Convido todos para

acompanharem a execução do hino da Bahia, de pé, o nosso hino da Bahia, que é o hino da independência e da liberdade.

(Execução do Hino ao Dois de Julho) (Palmas.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Em nome da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, mais uma vez agradeço a presença de todos e todas, associações, comunidades, grupos de jovens, de mulheres, à nossa juventude presente, às autoridades civis, militares, amigos e familiares do nosso homenageado, às Sr.^{as} e Srs. Deputados. Registrar a presença do deputado Marcelino Galo, que por aqui passou para dar o abraço, e a presença da imprensa.

Declaro encerrada a presente sessão convidando-os para o coquetel aí no saguão, com um abraço ao nosso homenageado.

Se faltou alguma pessoa ou grupo que a gente não registrou, podem nos dar o nome, que a gente passa para a Taquigrafia para que fique registrado.

Quem quiser depois o vídeo da ALBA, pode ficar com uma cópia dele como uma peça histórica da nossa luta e da nossa memória.

Muito obrigada a todos e mais uma vez declaro encerrada a presente sessão. (Palmas.)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.